

A Família Tukáno

Ao norte do rio Amazonas encontram-se três famílias lingüísticas não relacionadas com nenhum dos troncos referidos nos artigos anteriores desta série. São as famílias Tukáno, Makú e Yanomámi. Vamos tratar aqui da primeira delas.

A família Tukáno divide-se basicamente em dois ramos: O Tukáno Ocidental e o Tukáno Oriental. O primeiro tem representantes no Peru, no Equador e na Colômbia, mas não no Brasil. O ramo oriental estende-se da Colômbia até o Brasil, no noroeste da Bacia Amazônica, sobretudo ao longo do rio Uaupés (na Colômbia: Vaupés), que é um dos grandes formadores do Rio Negro. No Brasil são faladas, no Uaupés e em seus afluentes Tiquié e Papuri, pelo menos onze línguas da família Tukáno; grande parte destas é falada também na Colômbia, onde há ainda outras. O ramo oriental da

ARYON D. RODRIGUES

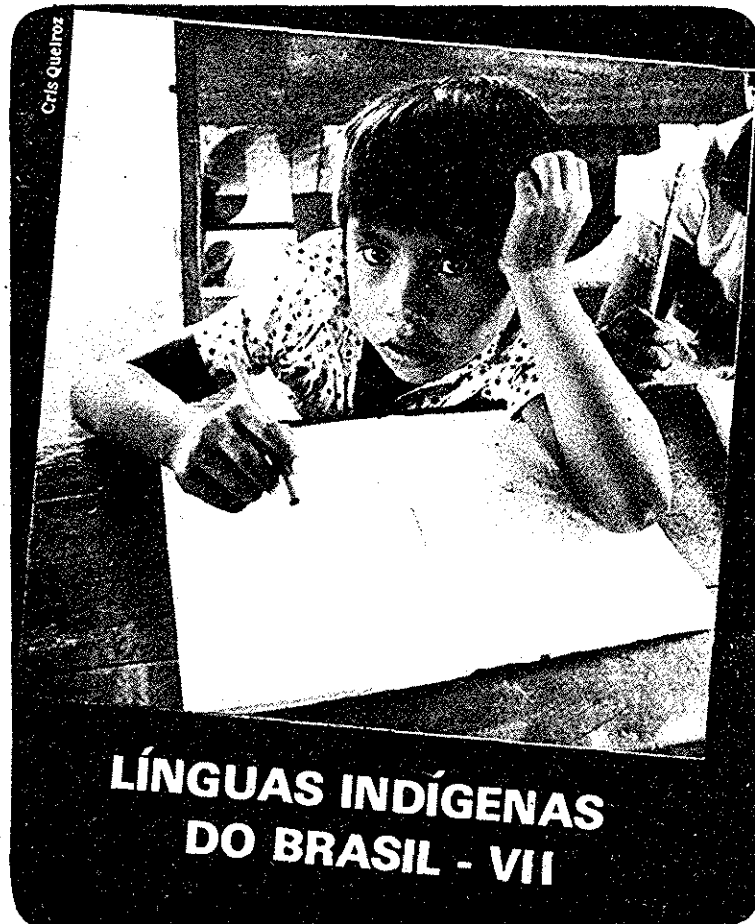
família, a que pertencem essas línguas, é muito homogêneo, com relativamente pouca diferenciação de língua a língua. Das línguas faladas no Brasil e mais conhecidas, só o Kubéwa (ou Kubewána) distingue-se mais fortemente das demais, como se pode ver no quadro abaixo. A primeira língua incluída nesse quadro é a língua Tukáno, que hoje dá nome à família (antes chamada Betóya). O Tukáno tem uma posição social privilegiada entre as demais línguas orientais da família, visto que, além de ser o idioma específico do povo Tukáno (rios Uaupés, Tiquié e Papuri), converteu-se em língua geral ou língua franca da área do Uaupés, servindo de veículo de comunicação entre falantes de idiomas diferentes. Também suplantou algumas outras línguas — completamente, como no caso do Arapáso, ou quase completamente, como no caso do Tariána.

pelos homens, que em geral falam de três a cinco línguas, ou mesmo mais, havendo políglotas que dominam oito a dez idiomas.

Os Tukáno orientais são, assim, tipicamente multilíngües, seja enquanto povos, seja enquanto indivíduos. A esse respeito o Uaupés é uma área praticamente única no mundo. Os povos Tukáno orientais demonstram, provavelmente melhor do que quaisquer outros, como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independentemente do grau de diferença entre elas, e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo. Embora haja no mundo muitas regiões onde se desenvolve o políglotismo, é difícil encontrar outra onde todos os membros da sociedade sejam no mínimo trilingües, como é o caso entre os povos da bacia do Uaupés.

O multilingüismo dos índios do Uaupés não inclui somente línguas da família Tukáno. Envolve também em muitos casos idiomas das famílias Arúak e Makú, assim como a Língua Geral Amazônica ou Nheengatú (família Tupi-Guaraní), o Português e o Espanhol. Trata-se de uma situação de importância extraordinária não só para a ciência lingüística, mas também para a antropologia, para a psicologia e para a educação, e que contrasta flagrantemente com a situação da sociedade brasileira, na qual se desenvolve um equivocado, antinatural e disfuncional culto do monolingüismo, que embota, por inibição psicológica, a maravilhosa capacidade do cérebro humano de operar com diversas línguas. Presentemente, no Uaupés brasileiro, dá-se um conflito formidável entre a acanhada concepção monolingüista dos missionários e outros agentes de nossa sociedade e a tradicional e rica experiência multilingüista dos povos indígenas daquela área. A escola missionária, baseada na segregação social das crianças, tem atuado não só no sentido de desarticular a cultura e a organização social indígena, mas também na implantação do monolingüismo português que, pelas implicações sociais e psicológicas que tem, representa um considerável retrocesso cultural para os povos da área.

O conhecimento das línguas da família Tukáno no Brasil é ainda muito limitado. Na verdade, os estudos científicos da área lingüística do Uaupés de que dispomos, tanto os de natureza descritiva como os de cunho sócio-lingüístico ou de etnografia da fala, têm sido feitos só na parte colombiana da área. Do lado brasileiro, fora as contribuições de



LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL - VII

antropólogos-lingüistas clássicos como Theodor Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú (ou, mais modestas, de Ermanno Stradelli), feitas no primeiro quartel deste século, só podemos destacar os trabalhos de dois padres salesianos, um missionário, o outro não. O missionário Antonio Giaccone esforçou-se por organizar e transmitir o conhecimento que adquiriu, sobretudo da língua Tukáno, mas também do Wanána (e do Tariána, da família Arúak). Alcionílio Alves Brúzzi da Silva também concentrou seus esforços na língua Tukáno, mas produziu uma documentação ampla, embora superficial, da quase totalidade das línguas da área; particularmente importante foi a publicação das gravações que ele fez ("Discoteca Folclórica do Uaupés"). Apesar da seriedade dessas contribuições, umas e outras se ressentem grandemente da falta de conhecimentos científicos lingüísticos e antropológicos.

No quadro seguinte, em que acrescentamos, como nos artigos anteriores, informação sobre a existência de estudos científicos recentes ou em de-

seenvolvimento de que temos conhecimento, indicamos, com a sigla SDB entre parênteses, os estudos feitos, mas não continuados (?), dos padres salesianos, e com a sigla ILV, também entre parênteses, os estudos em desenvolvimento na Colômbia por membros do Instituto Lingüístico de Verano, o ramo do Summer Institute of Linguistics que atua naquele país. Como nos casos anteriores, o mapa referido é o do Cimi e os dados demográficos são os publicados no PORANTIM de abril de 1982. Todas as línguas da família Tukáno são faladas no Estado do Amazonas; por isso, em vez de indicar o Estado, damos informação sobre os rios principais em que cada língua é mais falada como língua básica ou paterna da maloca:

P : Papuri ;
T : Tiquié ; U : Uaupés.

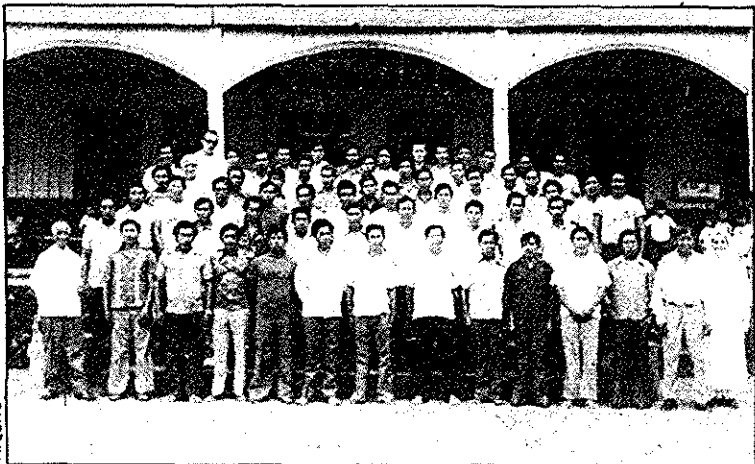
Em dois casos (pelo menos), a antiga língua paterna foi substituída pelo Tukáno: nas malocas dos Arapáso e dos Tariána; indicamos isso colocando entre parênteses os nomes Arapáso e Tariána, subordinados a Tukáno.

capim	ta	ta	ta	ta	tana	kória
peixe	wai	wai	wai	wai	wai	mõã
cobra	pirõ	pinõ	hinõ	pinõnõ	pirõ	aiky
rabo	pikõnõ	pikõ	hikõ	pitxono	pingonõ	pikomo
cabelo	poari	hoa	hoari	poari	poari	pora
olho	kahpéa	kahéa	kahéa	parieke	kuiru	diakory
barriga	paa	paga	hera	para	poaru	iapipy
osso	õ'ári	õári	ngõã	kõã	ngõ'ã	kõãrõ
flor	ori	ori	ngo	ko'oro	ngori	kowya
fogo	pehkame	pehkame	heame	pitxaka	peame	toabo

O Bará (ou Barasána) e o Yebamasá (ou Yepamahsá) são falados no alto Tiquié; o Wanána fala-se no médio Uaupés; o Desána no Tiquié, no Papuri e no baixo Uaupés; e o Kubéwa no médio Uaupés. Os territórios das diversas línguas, na área do Uaupés, são um tanto interpolados e, portanto, nem sempre são contínuos. Além disso, dadas as especiais características sócio-culturais dominantes na área, em que se pratica estrita exogamia — casamento só com mulher de fora de seu próprio povo — e a descendência e residência pela linha do pai, em cada maloca os homens usam a língua local, que é herdada de seus pais, mas as mulheres casadas falam outras línguas, de acordo com as malocas onde nasceram; isto é, cada mulher tem

sua própria língua paterna, diferente da língua de seu marido.

Como a cultura de todos os Tukáno orientais é praticamente a mesma, as línguas são entre eles os elementos mais imediatamente verificáveis de identificação "nacional", extremamente importante para a observação das regras de casamento. A isso corresponde um conjunto de atitudes com respeito às línguas, que incluem o purismo quanto à língua paterna, que deve ser falada perfeitamente, sem mistura com palavras ou construções de outras línguas, mesmo pelas mães, que não devem dar mau exemplo a seus filhos na aprendizagem da língua paterna; e o perfeccionismo no uso de outras línguas, não só pelas mulheres, mas também



Índios Tukáno na Missão Salesiana de Iauareté, AM

Língua	Nº no mapa	Rio	Falantes	Estudo
Desána (Desáno, Winá)	109	PTU	960	(ILV)
Tukáno (Tukána, Dahseyé)	112	PTU	2.635 (SDB, ILV)	
(Arapáso)	114	U	258	
(Tariána)	111	PU	1.500	
Pirá-Tapúya (Waikana)	113	PU	618	—
Wanána (Wanáno)	108	U	555 (SDB, ILV)	
Kubéwa (Kubéu, Kubewána)	107	U	98	(ILV)
Mirití (Mirití-Tapúya)	115	T	77	—
Yebá-masá (Yepa-mahsá, Yepá-matsó)	106	T	55	—
Tuyúka	110	T	465	(ILV)
Karapaná (Karapaná-Tapúya)	—	T	49	(ILV)
Barasána (Barasáno, Bará)	116	T	43	(ILV)
Juriti (Yuriti-Tapúya)	—	P	35	(ILV)